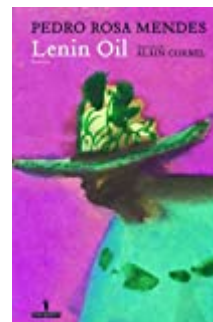




Pedro Rosa Mendes, Alain Corbel. *Lenin Oil*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 2006. 157 pp. ISBN 978-972-20-3133-2.



Reviewed by Augusto Nascimento (Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa)

Published on H-Luso-Africa (November, 2014)

Commissioned by Philip J. Havik (Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT))

A pretexto de um livro ...

Depois dos livros de Mário Cláudio, *Orion*, e de Sousa Tavares, *Equador*, de novo o arquipélago sugere um romance, neste caso, apegado a uma realidade adivinhada. A trama não é nem a historicizada por Sousa Tavares nem a imaginada por Mário Cláudio, é, antes, algo de observável na decrepitude do cenário que vem a impregnar as pessoas.

O livro *Lenin Oil* é um romance curto, que, ao invés de se centrar numa vida pessoal, foca o presente momento do arquipélago. A acção – ou, se quisermos, os sonhos – decorre nos dias de hoje. Não há um herói, antes existem várias personagens cujo destino se cruza de forma fugaz na ilha por causa do petróleo. O visitante americano avalia e descreve para o seu país a viabilidade, a oportunidade, as vantagens políticas da exploração petrolífera off shore. Enquanto isso, é assaltado pelos fantasmas de uma ilha com o que seu quão de maldição. O que o americano traz não representa senão motivos acrescidos para prolongar a maldição da ilha. Lenine, um são-tomense procura a ascensão social nas oportunidades supostamente

oferecidas pelo petróleo. Para isso, insinua-se e oferece consultoria, afinal de contas, resumida à sua condição de cidadão nacional. Por isso, Lenine evoca a herança da escravatura inscrita na sua condição e no seu corpo, procurando um resgate dessa condição através da participação na indústria petrolífera e da ascensão económica. Os diálogos de ambos condensam possíveis leituras da história do arquipélago e da etnogénese dos são-tomenses.

Também personagens da política do país independente são retratadas (os ex-presidentes Pinto da Costa e Miguel Trovoada, além do actual Fradique de Menezes). Concretamente, imagina-se uma conspiração que o actual presidente debela (na realidade, já enfrentou uma tentativa de golpe em 2003). Mas, numa ilha, esta descrição de uma conspiração abortada contra o actual presidente são-tomense parece menos relevante do que a chamada de atenção para o que de muito importante para o mundo e para os são-tomenses está em jogo na sua ilha.

Apesar de ser um romance, *Lenin Oil* destila poesia e, todavia, os laivos de realismo hegemonomizam-no. Sem trãguas, a realidade torna-se por demais evidente para o leitor cuja familiaridade com São Tomã vã; para alã das estadas turãsticas. Com efeito, quem conhecer a ilha espantar-se-ã com a sensibilidade na descriã de pequenos pormenores do ambiente fãsico e social, que o autor realãsa para incutir um certo sentimento de perdiã.

Por entre a subjectividade que explora poeticamente as percepã sensoriais e as verdades desdobãveis do ãntimo dos homens, hã; uma trama do mundo a ocorrer na ilha. Por isso, coexistem dois registos, um, poãtico, intimista e fantãstico, amargamente lãcido e irãnico. Outro, mais analãtico, que convoca anotaã antropolãgicas e ilaã histãricas, ã cru e cãnico, diria, polãtico. Este fala-nos de uma histãria jã; vista e, nã obstante, como que inelutavelmente repetida.

Como se a beleza natural tivesse de pagar um tributo, os temas de assombraã dos sãto-tomenses estão presentes, a saber, a doenã, o pãntano, a condenaã ... teluricamente determinada? Os sãto-tomenses parecem refãns de um fundo negro da natureza e das profundidades da histãria da sua ilha. Acerca desta, os de fora, quando cãndidos, dizem apenas ser bela. Outros, afectados de “conjuntivite moral,” quererão extorquir as suas riquezas em prejuã dos seus donos, os ilhãus.

No tocante aos sãto-tomenses, arriscaria dizer que, no tempo do regime monopartidãrio, a sua crãtica corrosiva, ã boca pequena, ao curso da vida continha um fundo optimista: a terra e as gentes eram boas, apenas passavam por uma provaã devido ã credulidade ingãua da ãpoca da independãncia. Ainda assim, porque o absurdo se localizava fora do seu ãntimo, remanesce a crenã numa futura redenã que os haveria de pãr de bem consigo mesmos. Ora, o drama sobreveio em toda a sua plenitude quando a implementã do multipartidarismo desvendou um fundo das almas que, de forma algo inesperada, parece apenas alimentar a descrenã, “o mito e o rancor” (p. 42) que tal paraãso pode pãr os homens tã mal consigo mesmos? Porque ã que a histãria recente vem corroendo a afabilidade dos ilhãus, a qual, ainda assim, teima em resistir?

São os seguintes os termos da equaã que inquieta os que se debruã sobre São Tomã: acreditamos na mudanã social ou depararemos sempre com os mesmos homens que, sem horizonte para alã de si prãrios, persistirão em revelar as falhas da natureza humana?

Aos sãto-tomenses pouco ajuda terem por ãlibi o desempenho dos colonialistas. Servirã de muito culparem toda a corja de degenerados que, descarregados no arquipãlago, compuseram a carga genãtica dos seus habitantes?

Voltando ao livro, sugere especulaã e discussã sobre a natureza humana num tal contexto de perdiã, o mesmo ã dizer nas teias da histãria daquele microcosmo insular. O livro encerra com a narraã de um golpe não sucedido (mas que ã possãvel e que encontra uma metãfora certa nos alinhamentos e solidariedades patentes na recente disputa da cadeira presidencial). No caso, a factualidade importa menos do que os sentimentos inscritos nos homens, uma espãcie de determinismo que os manietava nas suas vidas numa Ilha onde “onde não hã; espaã para o acaso” (p. 29).

A aparente raiz telãrica e o peso da insularidade (as “distãcias quotidianas não ultrapassam medidas pedestres,” p. 30), conjugados com os investimentos globais numa tal “purga de floresta” plantada num lodoso mar de petrãleo, esvaziam uma discussã em termos neo-colonialistas grosseiros. Mas, se jã; não cabe rebater estafadas teses de inferioridade racial e social, nem por isso a vida e o futuro são menos inquietantes. Trata-se, se for o caso, de encontrar uma saã num meio pantanoso que corrompe o ser humano.

Pedro Rosa Mendes mostra-se cruamente pessimista e dificilmente se adivinharã razães para o contrariar. Não ã a beleza da terra que decide a conduta dos homens. O que condiciona os homens ã; porventura, a degradaã do meio fãsico e social, patente, por exemplo, na porta desengonãda da entrada para uma carcaã de um batelã apodrecido e encalhado na baã da cidade, um pobre refãgio de nãufragos da vida ... As ilustraães de Alain Corbel, com traãos de realismo pesado, marcadas pelo verde que, em vãrias delas, se adensa e se torna plãmbeo, como o cãu da gravana, ajudam a fazer deste livro um objecto belo. Como, em todo o caso, a ilha.

If there is additional discussion of this review, you may access it through the network, at:

<https://networks.h-net.org/h-luso-africa>

Citation: Augusto Nascimento. Review of Mendes, Pedro Rosa; Corbel, Alain, *Lenin Oil*. H-Luso-Africa, H-Net Reviews. November, 2014.

URL: <http://www.h-net.org/reviews/showrev.php?id=42361>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 3.0 United States License.